

A Nação convocada

GLOBO

EDSON MACHADO DE SOUSA

Algum já disse que nem tudo o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil. Mas que tal o inverso? Em março de 1996, num evento em Belo Horizonte que reuniu centenas de pessoas, entre governadores, parlamentares, empresários, professores e muitos outros representantes de todos os segmentos da sociedade civil, o presidente Fernando Henrique Cardoso lançou um chamamento à Nação brasileira em prol da educação. "A Nação convocada" foi o manifesto lançado naquela ocasião.

Em fevereiro deste ano, o presidente Bill Clinton, perante o Congresso americano, lançou o seu plano "Chamamento à ação pela educação americana" (*Call to Action for American Education*). No seu discurso sobre "O estado da União", Clinton anunciou a sua "prioridade número um para os próximos quatro anos: assegurar que todos os americanos tenham a melhor educação do mundo". Fixou metas simples e objetivas: toda criança de 8 anos de idade deve saber ler; todo adolescente de 12 anos deve ser capaz de utilizar a Internet; todo jovem de 18 anos deve poder ingressar numa faculdade; e todo adulto deve ter a possibilidade de continuar aprendendo pelo resto da vida.

Para chegar lá, o presidente americano definiu dez linhas de ação que, como veremos, guardam estreito paralelismo com os desafios que o Brasil já vem enfrentando através das ações em desenvolvimento pelo Governo FH.

Primeiro: estabelecer padrões nacionais de rendimento/desempenho escolar. O desafio aqui, dada a tradição federalista da educação americana, será conseguir que todos os estados da União adotem padrões nacionais. A meta de Clinton é que, em 1999, todos os alunos da 4^a série sejam testados em leitura e todos os alunos da 8^a série, em matemática, segundo esses padrões. Com a experiência do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Brasil já avançou bastante nessa direção.

Segundo: é preciso reconhecer e recompensar os melhores professores, incentivando os jovens para que busquem a carreira do magistério. O "Chamamento à ação" vai mais longe, propondo uma sistemática nacional de credenciamento de professores. No Brasil, apenas iniciamos uma cruzada pela melhoria das carreiras e da remuneração dos professores do ensino fundamental. A implantação dos Fundos de Desenvolvimento e Manutenção do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério em todos os estados — obrigatoria a partir de 1998 — será um passo essencial e muito significativo nesse sentido.

Terceiro: é preciso ensinar as crianças a ler! Constante-se que 40% das crianças de 8 anos de idade nos Estados Unidos não estão aptas à leitura. A proposta de Clinton é um grande mutirão, mobilizando milhares de tutores, inclusive jovens estudantes, para ajudar a melhorar o desempenho das crianças em leitura. A luta pela redução dos nossos índices de repetência nas quatro primeiras séries do ensino fundamental tem muito que ver com essa diretriz.

Quarto: é preciso começar a ensinar as crianças antes mesmo que elas cheguem à escola. Como envolver mais as famílias e os educadores com a questão da aprendizagem infantil? Não estamos falando da pré-escola ou das creches e jardins de infância, mas do envolvimento dos pais, no lar. Clinton propõe convocar uma conferência na Casa Branca para discutir a questão, com a participação de cientistas e educadores.

Quinto: aumentar o poder dos pais de escolher a melhor escola pública para os seus filhos. Possibilitar que pais e professores credenciem aquelas escolas que atendem aos padrões mais elevados de exigências e que só existirão enquanto o fizerem. O plano de Clinton pretende alcançar três mil destas escolas credenciadas na virada do século. A proposta não é muito clara, mas já existem experiências locais em alguns estados americanos. O desafio, neste caso, é romper com a tradição americana de que é a autoridade educacional local que determina em que escola a criança vai estudar, deixando muito pouca liberdade de escolha para a família.

Sexto: a educação do caráter deve ser preocupação da escola também. "Precisamos ensinar nossas crianças a serem bons cidadãos", diz Clinton. E prossegue, duro: "Devemos tirar das salas de aula alunos que promovem a indisciplina e não ter nenhuma tolerância com armas e drogas na escola." Os padrões curriculares nacionais, que o ministro Paulo Renato submeteu ao Conselho Nacional de Educação, avançam propostas importantes nessa linha, ao tratar os chamados temas transversais como ética e cidadania.

Sétimo: é preciso cuidar das condições físicas dos prédios escolares. O número recorde de prédios escolares depredados e maltratados "tornou-se uma preocupação nacional". Investimentos da ordem de US\$ 20 bilhões são necessários e a União vai destinar, em 1997, US\$ 5 bilhões para ajudar nesse esforço de reconstrução. No Brasil, o Governo federal, através do FNDE, deverá destinar cerca de R\$ 400 milhões para alavancar investimentos da ordem de R\$ 800 milhões dos estados e municípios em prédios para o ensino fundamental.

Oitavo: é preciso abrir as portas das faculdades (*colleges*) para os americanos. A meta de Clinton é universalizar as 13^a e 14^a séries — isto é, as duas primeiras séries da faculdade. Para atingir esse objetivo propõe uma expansão sem precedentes dos programas de apoio, aos estudantes e suas famílias, para que possam arcar com os custos da educação superior. A idéia básica é que as famílias não precisem pagar impostos sobre o dinheiro destinado ao pagamento de taxas e mensalidades escolares. No Brasil, estamos muito longe desse sonho. Na realidade, o nosso sistema de ensino superior é muito subdimensionado, embora ainda seja adequado ao fluxo quantitativo de alunos dos níveis de ensino precedentes. Este fluxo, no entanto, deverá aumentar rapidamente, o que irá trazer para o nível mais

alto das nossas preocupações as graves questões do ritmo e da direção da expansão necessária do ensino superior. Por outro lado, não dispomos ainda de procedimentos satisfatórios de apoio ao estudante e suas famílias.

Nono: é preciso expandir as fronteiras da aprendizagem ao longo da vida. Todos, de qualquer idade, devem ter a chance de aprender novas habilidades. A proposta é abrir os colégios e faculdades para programas de treinamento, qualificação e requalificação. Todo trabalhador deve ter apoio, direto e pessoal, para buscar esses programas. Aqui, os ministérios da Educação e do Trabalho estão juntando esforços para alcançar algo semelhante. A proposta do ministro Paulo Renato de reformulação do ensino técnico abre amplas possibilidades para isso.

Décimo: é preciso trazer o poder da era da informação para dentro das escolas. Cada sala de aula precisa estar conectada à Internet, de modo que todo aluno, em qualquer ponto do país, tenha "o mesmo acesso ao mesmo universo do conhecimento".

Começamos a caminhar nessa direção no Brasil. Já dispomos de uma formidável infra-estrutura de comunicação. O Brasil é o país com a mais alta taxa de crescimento das ligações à Internet. Já dispomos de mais assinantes do que toda a América Latina somada. Mas temos muito poucas escolas e salas de aula equipadas para o uso intensivo das tecnologias da informática. A implantação da TV Escola, com a utilização de um canal de satélite exclusivo, foi um passo importante. Agora, a proposta do Ministério da Educação é a implantação, em cada escola pública,

A educação do caráter deve ser preocupação da escola também

de salas equipadas com um número suficiente de computadores e com capacidade de conexão em rede.

Além do paralelismo entre as preocupações do presidente Clinton e aquelas do seu colega brasileiro, o que é surpreendente é a mudança radical que vem ocorrendo nos Estados Unidos quanto ao relacionamento entre a União e os estados no que se refere à educação em todos os níveis. A participação da União, tanto no financiamento quanto nos assuntos substantivos, é cada vez maior. Cresce também a preocupação com a redução da heterogeneidade, com o estabelecimento de entendimentos nacionais com respeito aos padrões de desempenho e aos procedimentos de credenciamento, ou seja, a preocupação com critérios e processos de avaliação nacionalmente aceitos.

Isto se faz, no entanto, sem a criação de mecanismos burocráticos e centralizados no Governo federal. Ao contrário, mantém-se a tradição de participação e responsabilização dos outros níveis do Governo e, sobretudo, da comunidade. Este é, também, o espírito da convocação à Nação lançada em Belo Horizonte, em 1996.

EDSON MACHADO DE SOUSA é chefe do gabinete do ministro da Educação e do Desporto, Paulo Renato.

Educação

5 MAR 1997